

Philipp Löhle

A COISA

Todos os direitos reservados, em especial os direitos referentes à encenação por coletivos de teatro profissionais ou amadores, à leitura em público, filmagem ou transmissão da obra completa ou de partes desta via rádio ou televisão. Os direitos de encenação em língua alemã poderão ser adquiridos exclusivamente junto ao Rowohlt Theater Verlag, Hamburger Straße 17, 2146S Reinbek, Tel.: 040 - 72 72 - 271, theater@rowohlt.de. Para coletivos de teatro e associações, disponível como cópia impressa para leitura. O presente texto é considerado como inédito, no sentido da Lei do direito autoral, até a data de sua pré-estreia / de sua estreia em língua alemã / da primeira apresentação de cada tradução. Não é permitido, antes desta data, apresentá-lo integral ou parcialmente, divulgar seu conteúdo de qualquer forma ou discuti-lo publicamente. A editora reserva-se o direito de tomar as medidas judiciais cabíveis no caso de sua publicação não autorizada.

Agradecimentos especiais a Hartmut Becher
e ao Goethe-Institut Buenos Aires.

“No início era a especiaria”.
Stefan Zweig, Fernão de Magalhães.

Pessoas e coisas:

Magalhães, ou Magellan

Rei Manoel I, denominado o Venturoso

A coisa

Thomas Friege

Katrin Dräger Friege

Patrick Dräger

Li

Wang

Apresentadores/jornalistas

Beat

Siwa

Fela

I. Alguns anos antes

1.

No trono, D. Manoel I, o Venturoso. Entra Fernão de Magalhães, com mapas, documentos e um koi dentro de um aquário de vidro.

Fernão: Meu rei, vosso fiel súdito Ferdinand Magellan solicita-lhe uma audiência.

(Fernão faz uma reverência.)

Manuel: Ferdinand Magellan?

Fernão: Sim.

Manuel: ??

Fernão: Também conhecido como Magalhães.

Manuel: Ah, Magalhães, é o senhor.

Fernão: Sim. Sou eu, seu servo fiel.

Manuel: Certo. E?

Fernão: Trago-lhe um presente, meu rei. Um peixe. Um koi. É um exemplar raro, muito bonito.

Manuel: Um peixe... Certo... Deixe-o ali.

(Fernão coloca o koi diante de Manuel)

Manuel: Obrigado. Mais alguma coisa?

Fernão: Sim. Sim. Eu gostaria de falar com Vossa Alteza sobre um certo assunto.

Manuel: E?

Fernão: Trata-se das acusações que alguns de seus servidores no Marrocos levantaram contra mim.

Manuel: De que terias desviado riquezas dos espólios para teu próprio benefício.

Fernão: O que obviamente não fiz.

Manuel: Obviamente!?

Fernão: Meu rei, tenho aqui documentos que comprovam que retorno honrado do Marrocos.

Manuel: Hum.

Fernão: Sim. Aqui ...

(Fernão mostra os documentos)

Manuel: Certo. Está certo. Deixe-os ali.

(Fernão coloca os documentos diante do rei.)

Fernão: Os documentos foram assinados por todos os mais altos oficiais d'El Rei no Marrocos.

Manuel: Está certo. Muito bem.

Fernão: Meu rei, eu já tive tantas vezes a chance de beneficiar-me de diversos espólios de guerras e nunca o fiz, por que deveria fazê-lo justamente no Marrocos, entre os mouros, e por que o faria desta forma tão inábil?

Manuel: Pois é. Por quê?

Fernão: Pois então! As acusações são absurdas. Não têm o menor fundamento. Aqueles que as levantam são velhacos, mentirosos, caluniadores. Eu, entretanto, sou um homem honrado, que colocou sua vida inteira a serviço de Vossa Alteza, e agora sou vítima dessa difamação.

Manuel: Isso as investigações vão revelar.

Fernão: As investigações são igualmente falsas. Os oficiais coloniais são uns covardes corruptos. As provas foram falsificadas.

Manuel: Tu queres denegrir a imagem de meus servidores?

Fernão: Não, eu quero provar que sou um de vossos melhores servidores.

Manuel: Como dito: isso as investigações vão revelar.

Fernão: E estes documentos.

Manuel: Sim. Talvez também estes documentos.

(Fernão faz uma reverência, mas permanece ali.)

Manuel: Mais alguma coisa, Magalhães?

Fernão: Sim, meu rei. Como El Rei talvez tenha percebido, minha perna... eu... devido a um ferimento, ando puxando a perna.

Manuel: Estás manco?

Fernão: Bem observado, meu rei. Um golpe de lança no joelho. No Marrocos.

Manuel: Quem subestima o oponente acaba ferido.

Fernão: Meu rei, isso ...

Manuel: Sim?

Fernão: Nada.

Manuel: Então?

Fernão: Bem, é que como estou fisicamente prejudicado...

Manuel: Porque estás manco?

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

4

Fernão: Exatamente. Assim, obviamente, não me é mais possível exercer minhas funções de oficial em sua total abrangência, e por isso gostaria de solicitar se Vossa Alteza ... minha pensão,... se Vossa alteza poderia aumentar minha pensão em meio cruzado.

Manuel: O quê?

Fernão: Isso facilitaria muitas coisas para mim.

Manuel: Em quanto?

Fernão: Meio cruzado... somente meio cruzado...

Manuel: Meio cruzado?

Fernão: Sim. Para um leal servidor da Coroa Portuguesa, dez anos em toda sorte de batalhas, dentre os quais sete anos pelos mares. Não é pedir demais, pelo contrário, o mereço, penso eu.

Manuel: Hum.

(Espera)

Fernão: O que diz Vossa Alteza? Meu rei?

Manuel: Eu digo não.

Fernão: Não?

Manuel: Sim. Não.

Fernão: Não.

Manuel: Sim.

Fernão: Mas... talvez o senhor desconheça que minha pensão atualmente é menor do que o que recebe um iniciante em sua corte e que isso, obviamente, ... como posso dizer?...Meu orgulho ...

Manuel: Não.

Fernão: Não.

Manuel: Mais alguma coisa, Magalhães?

(Pausa.)

Fernão: Sim. Há mais uma coisa.

Manuel: Certo. O que há ainda?

Fernão: Bem, como mencionei, não posso mais participar ativamente da linha de frente em razão do meu ferimento...

Manuel: O joelho.

Fernão: Sim, sim. É só um joelho, nada mais... Bem, há este ferimento, entretanto, conforme Vossa Alteza tenha provavelmente ouvido, sou experimentado nos mares, já enfrentei batalhas marítimas, tempestades, naufrágios, calmarias e toda sorte de

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

5

intempéries a bordo de um navio, ademais, sou um excelente navegador, com experiência no uso de bússola e prumo. Assim, tive uma ideia, graças a uma descoberta que fiz na biblioteca da Tesouraria. Trata de um empreendimento, de um plano, algo, enfim, que poderá trazer grande

glória a El Rei e muitas riquezas ao nosso país. Especialmente porque estou seguro de que minha suposição está correta.

Manuel: Uma suposição?

Fernão: Sim, mas uma suposição segura.

Manuel: Uma suposição segura?

Fernão: Sim. Porque... Bem, eu analisei minuciosamente diversos atlas, mapas marítimos e costeiros e diários de bordo das expedições ao Brasil, além de relatos sobre o Panamá e o globo terrestre do cosmógrafo Martin Behaim, de Nurembergue. E o resultado disso é o seguinte. Posso ...? ..?

(Fernão estende um mapa mundi segundo a representação de Martin Behaim e outros mapas marítimos.)

Fernão: Como se vê aqui, para chegar às ilhas das especiarias, nós desde sempre navegamos para leste. Assim, em cada viagem - e isso eu vivenciei algumas vezes na própria pele - temos que navegar ao longo de toda a bárbara costa ocidental africana até o sul, passar lá embaixo pelo Cabo Horn com os perigosos ventos, onde já perdemos algumas cargas, alguns navios e alguns bons homens, para, então, depois de deixarmos para trás a África e toda sua inutilidade, alcançar as Ilhas Molucas por Madagascar, Sumatra e Bornéu. Na volta, a mesma coisa.

Manuel: Isso não é novidade.

Fernão: Bem, é claro que Vossa Alteza sabe disso, mas agora eu descobri algo que vai simplificar tudo.

Manuel: A suposição segura.

Fernão: A suposição segura, que, com a ajuda do especialista Rui Falero, um astrônomo e cartógrafo que o senhor certamente conhece, aferi e praticamente confirmei, assegurei e quase já verifiquei.

Manuel: E do que se trata?

Fernão: Sim. Assim ... agora vamos chegar lá:

Manuel: ?

Fernão: Segure-se! Eu sou convencido de que há uma travessia, uma passagem, uma rota marítima através da América!

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

6

Fernão: Um caminho conectando o Atlântico com o Oceano Índico, uma rota mais direta e muito mais curta até as ilhas das especiarias. Vossa Alteza compreende?

Manuel: Magalhães/
Fernão: Dê-me uma frota e eu encontrarei este caminho e lhe darei o seu nome - Via de Manuel - e desse modo teremos um acesso direto, muito mais rápido
Manuel: /Magalhães/
Fernão: às ilhas das especiarias. A América não estará mais em nosso caminho. Ela será o nosso caminho. Isso não é ...
Manuel: Magalhães!!!
Fernão: Sim, meu rei.
Manuel: É isso?
Fernão:
Manuel: É isso que descobriste?
Fernão:
Manuel: E para isso tiveste que ir à biblioteca da Tesouraria?
Fernão: Bem...
Manuel: Isso não é novidade alguma.
Fernão: Bem, mas, como/
Manuel: Por favor. Tu, por acaso, não sabes o que homens como Colombo, Vespúcio, Cortereal, Cortez, Cabot, o que todos estes homens queriam? O que eles procuravam?
Fernão: Obviamente que sei, mas eles estavam errados. Colombo, por exemplo, tomou uma ilha do Caribe pela China, eu acho/
Manuel: E tu?
Fernão: Como?
Manuel: Se todos estes homens provaram que não existe passagem nenhuma, como podes continuar acreditando que exista? Neste caso, o grande tolo não és tu?
Fernão: Não! Não, meu rei. Colombo, Vespúcio, Cortereal, Cabot e Cortez procuraram na direção errada. No norte. A passagem, entretanto, encontra-se no sul. É isso! Como este mapa mostra claramente, há uma conexão entre os dois oceanos - mas no sul!
Manuel: Ora, vá!

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

7

Fernão: Colombo nem chegou a procurar, Vespúcio costeou o Brasil e a Venezuela para dar nomes aos países, Cortereal perdeu-se na Terra Nova, Cabot afogou-se nas proximidades da

Groenlândia e Cortez ficou navegando em círculos no Golfo do México com sua amante, uma índia. Ninguém pode dizer que estes homens tenham procurado uma passagem. Mas ela existe com certeza. E eu sei exatamente onde fica. Dê-me uma frota e eu provarei a Vossa Alteza. A glória, obviamente, será sua.

(Manuel desce de seu trono, examina os mapas e anotações de Magalhães. Então, volta ao trono.)

Manuel: Pedido rejeitado.

Fernão: O quê?

Manuel: Eu decidi. Pedido rejeitado.

Fernão: Mas meu rei.

Manuel: Nada de meu rei. Pedido rejeitado e acabou.

Fernão: Mas isso/

Manuel: Eu não discutirei mais.

Fernão: O caminho seria muito mais curto.

Manuel: Se é assim, posso também afundar minha frota diretamente aqui no porto.

Fernão: O quê?

Manuel: Que fim tiveram todas aquelas promessas? Investir hoje em uma frota e amanhã receber tudo de volta multiplicado por cem. Sim, investir não é problema, e mandar navios, mas isso alguma vez produziu algum lucro? Onde está o ouro que Colombo prometeu? As riquezas? E agora me vens tu outra vez com a história da passagem. Eu já ouvi tudo isso mais de cem vezes!

Fernão: Mas os mapas...

Manuel: Ora, os mapas! Todo dia desenham novos mapas. Ninguém entende mais coisa alguma. Nós vamos continuar contornando a África. Essa é a maneira mais rápida e mais segura, com o menor número de postos alfandegários.

Fernão: Mas...

Manuel: Chega! Obrigado, Magalhães. Podes te retirar. Quanto ao assunto das acusações, nós voltaremos a falar.

(Fernão permanece ali.)

Manuel: Não me entendeste?

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

8

Fernão: Sim... sim... Posso fazer uma última pergunta?

Manuel:

Fernão: Vossa Alteza tem alguma coisa contra se eu oferecer meus serviços a outro país?

Manuel: Magalhães! Sinceramente, faze o que quiseres, só não me roubes mais meu tempo.

(Fernão pega seus papéis e, sobretudo, o koi e se vai.)

II. Alguns anos mais tarde

1. A coisa viceja

A coisa não sabe dizer quando ou onde surgiu. Também não sabe dizer de onde vem ou por que agora está precisamente ali onde agora está. Não, a coisa simplesmente está ali num certo momento. Por si só.

Sua primeira percepção é a de um arbusto. Ela pende dele, mais ou menos no alto, é parte deste arbusto. A coisa está bem. A vizinhança é agradável e faz um tempo excelente. As perspectivas são, talvez, um pouco entediantes, mas não há motivos para se queixar. Com certeza, poderia ser muito pior.

2. Love I

(Katrin e Thomas.)

Thomas: Nós nos encontramos, uma vez, antes de nos conhecermos.

Katrin: Há uma eternidade. E nem foi consciente. Mas depois reconstruímos a situação.

Thomas: Café Mathilde.

Katrin: Até hoje não consigo acreditar que foi lá.

Thomas: Era o meu primeiro dia na Mange & Kamff - Reciclagem de materiais/

Katrin: Empresa do primo da mãe/

Thomas: Primeiro dia como estagiário.

Katrin: Eu vim para a cidade para fazer minha matrícula na Universidade.

Thomas: Katrin experimenta o curso de Letras, com ênfase em Línguas Latinas.

Katrin: Como assim “experimenta”?

Thomas: Você ainda continua estudando.

Katrin: Logo quem falando. Você ... como é que se pode dizer? Você deu uma conferida no curso de Administração?

Thomas: Eu diria que fui do básico até o avançado.

Katrin: Sem concluir.

Thomas: Eu prestei todos os exames.

Katrin: Mas não passou em quase nenhum.

Thomas: Fui reprovado num só. Um! Porque me enganei de tópico. Usei uma estratégia.

Pensei: se de três tópicos vai cair um, então vou estudar dois

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

e, assim, estou garantido. Funcionou em todos os outros exames.

Katrin: Então você não estudou de verdade.

Thomas: Claro que sim.

Katrin: Se você sempre só sabe duas de cada três coisas ...

Thomas: Ei! Eu dirijo uma empresa. E você?

Katrin: Qualquer um pode dirigir uma empresa se tiver o parentesco certo.

Thomas: Eu comecei como qualquer um na empresa, como estagiário.

Katrin: Empresa do primo da mãe/

Thomas: Eu me candidatei a uma vaga como qualquer mortal. Tive uma entrevista de apresentação e uma entrevista específica para a vaga.

Katrin: Mange & Kamff - Reciclagem de materiais. São aqueles contêineres verdes para roupas espalhados pela cidade. A mãe dele é Friege, e Kamff era o seu sobrenome de solteira. Ninguém sem um diploma na mão dirige um negócio desses se não tem uma relação de parentesco no meio.

Thomas: E tem muita gente com um curso superior concluído e que não dirige nenhuma empresa. Então, o meu caso serve para compensar um pouco isso aí.

Katrin: Então você reconhece?

Thomas: Eles me testaram como estagiário/

Katrin: E depois o promoveram direto ao cargo de chefe. De tão bom que você é!

Thomas: Dá no mesmo. Se você não consegue aceitar que eu ...

Katrin: Eu aceito.

Thomas: Eu tive que mostrar minha capacidade. Fui testado.

Katrin: Thomas, não seja tão ingênuo.

Thomas: Bem, no meu primeiro dia, eu estava no Café Mathilde no intervalo do almoço. E você também.

Katrin: Ali bem pertinho é o prédio da administração da universidade. É a única explicação. Minhas aulas são sempre em outros prédios.

Thomas: Era inverno.

Katrin: Outubro.

Thomas: Então, um outono frio. De todo modo, havia neve.

Katrin: Acho que não.

Thomas: Talvez não fosse exatamente neve, mas algo no gênero. Talvez chuva congelada.
Katrín: Bobagem.
Thomas: Um negócio branco.
Katrín: Um negócio molhado. Porque o chão estava completamente molhado.
Thomas: Sim. Completamente molhado. E nosso primeiro encontro/
Katrín: Encontro inconsciente.
Thomas: foi assim: Eu venho do banheiro e, quando estou passando pela sua mesinha, esbarro com o quadril e deixo cair o guardanapo colocado de lado de modo displicente, eu o junto, lhe alcanço e digo: Está aqui. E ela diz:
Katrín: Obrigada.

3. A coisa tem uma tarefa

A coisa está contente. Está contente porque sabe exatamente o que tem a fazer. Sua tarefa é clara. Está indelevelmente inscrita na própria coisa, faz parte do seu código genético. E, a bem da verdade, ela teria que ser realmente muito estúpida para ser uma coisa e não compreender a que veio. É que a coisa, em suas mãos de algodão, aloja um núcleo. Dentro de si. Uma semente. E o que mais se há de fazer, quando se carrega uma semente dentro de si além de alimentá-la, cuidar dela e zelar para que encontre, no momento certo, seu caminho até a terra e que ali se transforme novamente em um arbusto do qual, um dia, penderá uma outra coisa que sabe exatamente o que deve fazer?

Assim é que a coisa pende do arbusto. E ali fica. Não à espera. Está pronta. A coisa sabe, saberá quando chegar a hora. E, até lá, fica de prontidão.

4. Infância I

(A revista Camera Australia entrevista Peter Dräger)

Australia: Sr. Dräger, quando foi exatamente que o senhor fez a foto?

Patrick: Há uns 5 anos.

(Espera)

Austrália: Aha.

(Espera)

Australia: E como surgiu a ideia?

Patrick: Eu tinha 17 anos na época e ainda estava morando em casa, com meus pais. Minha irmãzinha também morava lá, a minha irmã mais velha já tinha saído de casa. E, bem, era inverno...

Australia: Inverno. Como agora.

Patrick: Sim. Só que com neve. E aí eu estava andando pela casa e, no porão, ...

Australia: No porão?

Patrick: Sim, no porão da nossa casa, quer dizer da casa dos meus pais. Ali tinha um armário onde ficavam as coisas antigas do meu avô, porque ele havia morrido fazia pouco tempo, uns meses antes, eu acho.

Australia: Sinto muito, Sr. Dräger. Então o senhor certamente também estava muito abalado emocionalmente.

Patrick: Mais ou menos, na verdade. Em todo caso, nós demos quase todas as coisas dos meus avós a uma agência que recolhe o que as pessoas descartam ao desocuparem um imóvel. E algumas coisas foram para minha irmã mais velha, que recém havia saído de casa.

Katrin: Eu não quero essas coisas.

Patrick: Mas elas estão em bom estado.

Katrin: Sim, mas eu quero começar uma vida nova.

Patrick: E por isso você não pode ter uma cadeira antiga no seu apartamento?

Katrin: É uma nova fase de vida.

Patrick: Você vai morar a dez quilômetros - no máximo – daqui!

Katrin: Não tem nada a ver com a distância.

Patrick: Tem a ver com o quê?

Katrin: Eu até terminei com o Erik.

Patrick: Como assim?

Katrin: Eu quero começar tudo de novo.

Patrick: Okay. Bem, nós tínhamos o tal do armário no porão e dentro dele estavam as coisas que havia ficado dos meus avós, e eu, andando pela casa, acabei encontrando aí, neste armário, a velha Agfa Clack do meu avô.

Australia: O senhor diria que foi magia?

Patrick: Como assim, magia?

Australia: Alguma coisa que atraiu o senhor para aquele armário?

Patrick: Não, eu só queria olhar o que havia ali dentro.

Australia:

Patrick:

Australia: Aha. E então?

Patrick: Sim. Então eu pensei que poderia experimentá-la.

Australia: A câmera.

Patrick: Sim. A velha Agfa Clack do meu avô.

Australia: E o senhor não tinha nenhuma noção de fotografia.

Patrick: Não.

Australia: Inacreditável. Onde o senhor conseguiu o filme?

Patrick: No Fringmann. É um loja de material fotográfico. O Fringmann ficou de queixo caído. Só dizia: Rapaz, uma Agfa Clack, isso sim é uma câmera, o que ela faz é coisa que toda essa tralha digital nem em sonho faz. A Agfa Clack precisa de um filme pequeno, 6x6, que ele não tinha no momento. Mas então ele me disse para esperar um instante e sumiu por dez minutos, voltando depois com um sorriso e o filme certo. Disse que eu nem precisava pagar, pois ele nem sabia se o filme ainda estava bom.

Australia: E quando o senhor fez a foto, então?

Patrick: Na verdade, eu tirei doze fotos. Do Fringmann voltei de ônibus direto para casa, coloquei o filme na câmera e tirei todas as doze fotos no quarto de Julia.

Australia: No quarto da sua irmã.

Patrick: Sim, da menor.

Thomas: Eu sempre pensei que fosse o seu quarto.

Katrin: É um quarto de criança.

Patrick: E essa é uma das doze fotos.

Katrin: Você acha que no final do colégio eu ainda tenho um quarto de criança?

Australia: Por que o quarto de Julia? Por que não o seu próprio?

(Espera)

Patrick: Isso foi algo que eu também me perguntei, mais tarde, algumas vezes. Porque não o meu, ou... logo atrás da nossa casa começam os campos, e com a neve... ou alguma pessoa ... mas eu simplesmente estou no quarto de Julia e faço as doze fotos. Na verdade, eu queria mais testar a máquina do que fazer uma foto.

Australia: Mas aí já havia uma certa magia?

Patrick: Como assim?

Australia: Nesse momento. Quando o senhor fez a foto. Não foi ... magia?

Patrick: Não. Eu simplesmente cliquei.
Australia: É uma foto incrível.
Patrick:
Australia: E o que o senhor está achando da Austrália? Gosta de Sydney?
Patrick: Sim. Claro. Acho que sim.

5. Love II

(Katrin e Thomas.)

Thomas: Se a gente for pensar... depois, por dois anos e meio nós não nos vimos nenhuma vez.
Katrin: Também não pensamos um no outro, porque nós não tínhamos nem ideia desse encontro.
Thomas: Não é bem assim. Eu pensei em você.
Katrin: Que nada.
Thomas: Sim. Eu, às vezes, ficava imaginando a estudentezinha do Café Mathilde.
Katrin: Bobagem.
Thomas: Mas é verdade.
Katrin: E o que você imaginava?
(Ela imita um homem batendo punheta.)
Thomas: Logo quem!
Katrin: Nós só nos vimos uma vez no Café Mathilde/
Thomas: Quase nos tocamos.
Katrin: e agora você fica fantasiando, como se tivesse acontecido sei lá o quê.
Thomas: Não, não aconteceu nada. Eu somente coloquei o seu guardanapo de volta na sua mesa.
Katrin: Somente dois anos mais tarde é que nós nos conhecemos mesmo. Correndo.
Thomas: Sim. Correndo.
Katrin: Eu tinha uma relação sem muito compromisso com um colega.
Thomas: Um suíço.
Katrin: Beat.
Thomas: Que depois emigrou.
Katrin: Não. Ele foi fazer um trabalho social.
Thomas: Na América do Sul.

Katrin: Não, na África.

Thomas: Vocês ainda mantêm contato?

Katrin: Se, naquele dia, eu já soubesse que você é tão ciumento, teria simplesmente continuado a correr.

Thomas: Eu teria segurado você.

Katrin: Eu gritaria. Todo mundo sabe o que isso quer dizer, num parque.

Thomas: Como uma pessoa pode ser tão insensível?

Katrin: Eu não sou insensível. Você é que é ciumento.

Thomas: Eu tenho todos os motivos do mundo.

Katrin: Você mesmo foi praticar corrida para arranjar uma mulher.

Thomas: Não é verdade.

Katrin: Então por que agora você não corre mais?

Thomas: Eu estou fazendo academia.

Katrin: Pois é. Porque as garotas agora não estão mais correndo.

Thomas: O quê?

Katrin: Quando nós nos conhecemos, era moda correr, mas dois anos e meio mais tarde, todas as garotas fazem academia. E o seu Thomas vai atrás.

(Imita um cachorro arfando)

Thomas: Por que eu iria querer dar em cima de alguém?

Katrin: Ora, vá.

Thomas: Eu tenho você.

6. Algo acontece à coisa

Então, algo se passa com a coisa. Ali está uma pessoa com um barrete sobre a cabeça e vestindo uma túnica longa. Ele tem a pele marrom como couro curtido e dedos finos e longos. Estes dedos vão até a coisa e a arrancam do arbusto. A coisa quer, primeiro, gritar, mas então constata que não doeu nada. Os dedos longos arrancam também suas simpáticas vizinhas do arbusto e as enfiam todas juntas em um saco. Ali, as perspectivas não são boas, é muito apertado, mas a coisa está confiante, pois ainda carrega a semente dentro de si. E chega até a pensar que talvez isso seja normal, que talvez este seja o caminho, o jeito de levar sua semente até a terra. Porque, se for honesta, a coisa deve admitir que

nunca havia pensado em como a semente que carrega dentro de si, pendendo tão distante do chão, deveria chegar à terra, que é tão lá embaixo. Não muito tempo depois, a coisa é despejada do saco. Ela está agora no topo de um monte formado por suas vizinhas. Tem uma sensação boa, bem lá em cima. Sente-se responsável e conjetura fazer um discurso às vizinhas, já que elas confiam tanto nela que até a colocaram no topo. Mas lá está outra vez a criatura com os dedos longos e mais outras criaturas com dedos longos e uma com uma aparência muito estranha, pois tudo aquilo que nos outros é escuro, nele é claro. Inclusive os cabelos.

Siwa: Beat, vai levar uma eternidade.

Beat: Não vai levar uma eternidade.

Siwa: Olhe só isso. Nós temos que pegar uma coisa de cada vez na mão, arrancar as folhas e tirar a semente.

Beat: Não tem problema nenhum.

Siwa: Mas a gente consegue descarregar, quando muito, meio quilo por hora.

Beat: Isso é bom.

Siwa: Bom? Enquanto todo mundo a nossa volta produz toneladas, nós descarregamos meio quilo por hora. E você acha bom.

Beat: Nós ganhamos 47 cents por quilo.

Siwa: Sim, se as pragas deixarem sobrar alguma coisa. Os outros têm plantas de que as pragas nem querem chegar perto.

Beat: Em compensação, as nossas plantas são nossas plantas. Eles têm que comprar sementes novas todo ano.

Siwa: Mas eles também ganham sementes.

Beat: Siwa, eu sei que não é fácil. A transição para uma agricultura ecológica leva dois anos, mas depois seu algodão vai ter uma qualidade melhor, vai ser mais saudável e mais biológico.

Siwa: Dois anos? Beat, eu tenho uma família para alimentar, tenho um recém-nascido em casa. Estou pouco ligando para a qualidade desse negócio, se é saudável ou não. Eu só quero vender o máximo possível o mais rápido possível.

Beat: Siwa, como se chama o seu bebê?

Siwa: Que interessa isso agora?

Beat: Vamos, diga o nome dele.

Siwa: Dela. Ela se chama Fela.

Beat: Fela. Nome bonito. E você quer que não falte nada à Fela? Que ela cresça bem nutrida, feliz, contente e saudável?

Siwa: É claro que eu quero isso.

Beat: Então descaroe esse negócio manualmente e use adubo orgânico.

Siwa: E as pragas?

Beat: Água, sementes de neem e folhas maceradas de napian. Não existe nada melhor.

Siwa: Se nós comprarmos sementes da Monsanto e usarmos um pesticida, poderemos produzir mais e vender mais. E então nós vamos ganhar mais e a Fela vai ter tudo o que precisa.

Beat: E você vai sempre ter que aguentar uma empresa americana ditando os preços. E os pesticidas vão fazer seus ovos caírem e sua filha ter mãos com seis dedos.

Siwa: Isso talvez aconteça na sua terra, na Europa, aqui não tem disso.

Beat: Vamos tentar, Siwa. Só desta vez.

(Siwa pensa.)

Siwa: OK, Beat, mas se der errado...

O resto da frase a coisa não consegue compreender, pois as vizinhas debaixo dela começam a se empurrar com impaciência e a perguntar incessantemente o que está acontecendo lá em cima. “Calma”, diz a coisa, “sosseguem”. E quando elas finalmente fazem silêncio, ela fala com uma voz mais pausada, mais sábia: “Minhas queridas amigas!” Pausa para maior gravidade. “Nós vamos ser descaroadas”. Neste momento irrompe uma algazarra, uma alegria, um tal de abraçar-se e estreitar-se de que elas ainda se lembram anos depois.

7. Infância II

(Patrick Dräger em entrevista ao periódico americano especializado Photographers Diary.)

Diary: O senhor já fez fotos aqui?

Patrick: Eu cheguei ontem à noite e fui direto do aeroporto para o hotel.

Diary: De onde o senhor está vindo?

Patrick: Do México. A mostra estava antes no México.

Diary: Mexico City?

Patrick: Sim.

Diary: E?

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

18

Patrick: Sim... Interessante.

Diary: Acredito. Eu infelizmente nunca estive lá.

Patrick: Sim.

(O Diary contempla a fotografia a sua frente.)

Diary: Senhor Dräger... posso chamá-lo simplesmente de Patrick?

Patrick: Sim... claro...

Diary: A boa arte precisa de seu tempo. Eu acho que foi Michelangelo quem disse isso. Em compensação, Cartier-Bresson diz que o segredo da fotografia é o momento certo. Como o senhor entende isso?

Patrick: Hum ... não sei... Talvez os dois tenham razão?

Diary: Mas soa contraditório, não?

Patrick: É que são duas pessoas diferentes falando em duas épocas diferentes.

Diary: E o senhor não acha que na modernidade, ou na pós-modernidade ou mesmo na pós-pós-modernidade em que nos encontramos atualmente todas as definições, as artes, os estilos, as correntes de um estilo unem-se de um certo modo?

Patrick: Isso ...

Diary: Mesmo - e justamente - estando separadas por séculos?

Patrick: Isso eu não sei.

Diary: Eu quero dizer o seguinte. O senhor fez a foto com 17 anos. Hoje, seis anos mais tarde, ela está exposta no Museum of Photography, em Manhattan. Este é um longo caminho, mas se nós lembrarmos que ela ficou por dois anos de molho dentro de uma velha Agfa Clack de seu avô, até que foi rápido.

Patrick: -

Diary: Uma fotografia precisa desse tempo todo para se revelar?

Patrick: Eu simplesmente não pensei mais nela.

Diary: O que o senhor fez então?

Patrick: Eu queria ser jogador de futebol. Tinha o sonho de ser jogador de futebol. Estava num clube. Meia-direita. Quase fui chamado na pré-convocação da seleção nacional de juvenis.

Diary: E quanto tempo o senhor jogou futebol?

Patrick: Até começar com o profissionalizante. Eu já tinha quase 20. Esta é a idade em que se decide uma carreira assim. Ou você entra no círculo,

começa num time da terceira divisão e vai subindo, ou pode esquecer. No meu ano crucial, fiquei lesionado por muito tempo. Foi muito azar. O mais importante é ser visto e quando a gente não joga, não é visto e logo está fora.

Diary: E então o senhor se lembrou da fotografia?

Patrick: Foi ideia do meu pai.

Diary: Mas o senhor não tinha, no fundo, o anseio?

Patrick: De jogar futebol? Sim, claro.

Diary: E de fotografar?

Patrick: Meu pai conhecia bem o Fringmann, da loja de material fotográfico da nossa cidade, por isso consegui uma vaga de aprendiz com ele.

Diary: E então, de repente, o senhor começou a se interessar mais por fotos do que por futebol?

Patrick: Para mim, futebol era tudo ou nada. Assim, no fim, só me restaram as fotos.

(Patrick com a camiseta na mão.)

Patrick: Aqui.

Katrin: O que eu vou fazer com isso?

Patrick: Eu queria jogar fora, mas não consigo. Mas ficar com ela eu também não consigo.

Katrin: OK.

Patrick: Talvez fique um pouco grande.

Katrin: Mesmo assim ...

Patrick: E então eu resolvi desistir.

Katrin: Você está fazendo um estágio no Fringmann?

Patrick: Sim.

Katrin: E?

Patrick: Vai indo.

Katrin: Você quer fotografar nosso casamento?

Patrick: Você vão se casar?

Katrin: Então? Está a fim?

Patrick: Não sei.

(Diary observa longamente a fotografia.)

Diary: Quando você foi se lembrar outra vez da fotografia?

Patrick: Eu não me lembrei.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

20

Diary: O senhor quer dizer que a fotografia foi ao seu encontro?

Patrick: Não, o Fringmann se lembrou dela. Ele me perguntou pelo filme da Agfa Clack. Eu busquei a câmera e nós revelamos juntos as fotografias.

Diary: Deve ter sido um momento mágico, quando vocês a viram pela primeira vez.

Patrick: Mágico? Eram simplesmente doze fotos do quarto da minha irmãzinha Julia. Elas eram todas muito parecidas.

8. Love III

(Katrin e Thomas.)

Katrin: A única coisa que realmente deu certo na nossa relação foi o casamento.

Thomas: Sim. Fora a fotografia.

Katrin: Do planejamento..., na verdade, do pedido até a noite de núpcias, se eu posso dizer isso aqui, foi tudo um sucesso.

Thomas: O pedalinho.

Katrin: Sim, em forma de cisne. No lago.

(Pausa para reflexão.)

Thomas: Você quer se tornar minha princesa?, eu perguntei.

(Tempo para pensar.)

Thomas: Você quer se tornar minha princesa?

(Pausa para refletir.)

Thomas: Não é lindo?

Katrin: Quase 200 pessoas. Umhas 40 mesas. E como beberam!

Thomas: No antigo castelo. No subterrâneo com as arcadas.

Katrin: A antiga banda dele do colégio nos deu de presente um show.

Thomas: É, a turma.

Katrin: Muito obrigada!

Thomas: A intenção foi boa.

Katrin: Nós dissemos para ninguém nos dar presentes, e sim doar para quem precisa.

Thomas: Sim, exatamente. Para o maravilhoso Beat.

Katrin: Você é tão ciumento.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

21

Thomas: Ele era seu ex-namorado. E você tinha que convidá-lo!

Katrin: Ele era meu paquera na Universidade.

Thomas: E logo para ele nós tínhamos que fazer doações. Para um suíço! Para ele levar uma vida boa na América do Sul.

Katrin: A doação foi para a organização dele: BioDe. Eles tentam promover o desenvolvimento sustentável. Na África! Pelo menos uma vez a gente sabe a quem está dando o dinheiro e que ele vai chegar onde deve, mas você só ficou fazendo cara feia para ele.

Thomas: Ele é que fez cara feia para mim!

Katrin: Porque você tinha sempre que ficar me lambendo quando ele estava por perto.

Thomas: /Lambendo/

Katrin: É, como uma criança com um pirulito. Eu lambi, agora é meu!

Thomas: Você é tão boba.

Katrin: Infantilidade total!. Sempre insistindo em chamá-lo de Biet.

(Thomas ri.)

Katrin: Muito engraçado. Ha ha! Biet, Cool Beat e sei lá o quê. Eu também não iria gostar.

Thomas: Mas se é um nome abobado.

Katrin: Beat não é um nome abobado. Assim como Beate também não é nenhum nome abobado e você não diz Biete.

Thomas: Beate é um nome bem abobado.

Katrin: Mesmo assim.

Thomas: Mesmo assim o quê?

Katrin: Mesmo assim você não precisava ficar me lambendo daquele jeito.

Thomas: Provavelmente por isso a noite de núpcias foi tão emocionante. Porque você estava tão excitada por causa de toda a lambeção. Você gosta.

Katrin: Aqui realmente não é o lugar de você ficar inventando essas coisas.

9. A coisa fica com medo

A coisa está confusa. Ela está outra vez dentro de um saco, num pacote, e o pacote dentro de uma enorme caixa de ferro, e a caixa de ferro dentro de uma outra caixa de ferro ainda maior, sendo que esta caixa de ferro maior está flutuando. No mar. Os dedos longos e marrons retiraram as sementes da coisa e de suas vizinhas. Todas tinham ficado felizes com a perspectiva de serem descaroadas, mas nenhuma delas sabia o que era isso: ser descaroadada. E agora elas estavam

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

22

sem sua semente. E sem terra. Somente a caixa de ferro e água ao seu redor. Isso só podia significar que elas estavam ao léu. Elas todas só queriam depositar na terra a semente que carregavam, e agora não havia mais terra e nem semente. Para quê, então, ainda servia, pergunta-se a coisa.

Mas, às vezes, é assim: quando a gente acha que chegou o fim, é, na verdade, também um início. Pois, lá pelas tantas, a coisa volta a sentir terra debaixo de si, e o pacote é aberto e diante dela estão dois amarelos com cabelos muito pretos e olhinhos puxados. E eles olham para a coisa e mostram os dentes.

Li: Que é?
Wang: É esse troço ecológico.
Li: Muito mal descaroçado.
Wang: Por isso que é tão barato.
Li: Mas assim não adianta.
Wang: Adianta, sim: máxima margem de lucro.
Li: Que merda, Wang. De onde você tirou isso?

(E a criatura amarela enfia a mão inteira dentro do pacote, tirando a coisa e algumas de suas vizinhas de dentro do saco e dizendo:)

Li: Nós vamos ter que descaroçar tudo de novo antes de processar.

Quando a coisa escuta isso, começa a tremer. O corpo inteiro. E fica completamente enjoada.

10. Love IV

(Katrin e Thomas.)

Thomas: Tem pessoas que só estão juntas só porque não acharam nada melhor. Mais ou menos como uma união com fins pragmáticos. Ou como colegas de apartamento. De tanta ansiedade de arranjar alguém antes que seja tarde demais, a pessoa agarra o que está à mão. Eu sempre pensei que no nosso caso fosse mais do que isso.

Katrin: Às vezes a gente se engana.

Thomas: Só a maneira como nos conhecemos. No parque. Aquele incidente/

Katrin: Nós já contamos tudo.

Thomas: Então. Foi uma coisa ... diferente.

Katrin: As pessoas sempre acham que elas são especiais. Isso é uma coisa que eu nunca entendi. Meu irmão, por exemplo. Ele tem medo de avião.

Thomas: Mas ele voa tanto.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

23

Katrin: O medo de avião é a forma mais elevada de arrogância. É preciso ser muito pretensioso para pensar que jus-ta-men-te o avião, em que está o grande Patrick Dräger, meu irmão, que jus-ta-men-te este avião vai despencar! Você sabe qual é a probabilidade disso? Zero

vírgula zero zero zero um por cento. É preciso ser realmente muito especial para ser jus-ta-men-te esse zero vírgula zero, zero, zero um por cento.

Thomas: Jus-ta-men-te?

Katrin: Sim. Jus-ta-men-te.

Thomas: Para que falar assim desse jeito idiota?

Katrin: Para ver se entra na sua cabeça. Por que jus-ta-men-te o nosso casamento deveria ser mais especial do que o casamento de outras pessoas?

Thomas: Porque no nosso ... Ora, Katrin, o próprio fato ...

Katrin: Que fato Thomas? O quê?

Thomas: É uma coisa... diferente.

Katrin: Sim, eu gostava de você, e ainda gosto de você. E é legal quando a gente encontra alguém com quem a gente quer ficar. E quando a gente faz junto uma festa de arromba. Isso também é legal. Tem muita gente que daria tudo por isso.

Thomas: É assim que você vê a nossa história?

Katrin: Sim, é assim que eu vejo.

Thomas: Essa agora acabou comigo. Eu não sou um carro. Ou uma cadeira.

Katrin: Mas eu disse que gosto de você.

Thomas: E eu gosto da minha camisa com gola azul clara.

Katrin: Eu sei, nós compramos juntos.

Thomas: Talvez seja por isso que eu goste dela.

Katrin: É. Talvez.

(Pausa.)

Katrin: Mas não tem nada a ver com você.

Thomas: Acredite quem quiser.

Katrin: Aconteceu. Simplesmente aconteceu.

Thomas: Se eu tivesse ficado mais em casa, não teria acontecido.

Katrin: Teria acontecido do mesmo jeito.

Thomas: Mas isso tem um significado.

Katrin: Não. Foi acaso. Um acaso bobo. Eu saio do banho - não tinha fechado as cortinas - deixo a toalha cair, me viro e dou de cara com o vizinho.

Thomas: Céus!

11. A coisa como parte de um todo.

Ali é barulhento e incômodo. E a coisa é prensada como se quisessem espremê-la. Depois, ela passa zunindo por uma máquina enorme, onde não é mais prensada, e sim, pelo contrário, esticada e torcida. “Eu era tão volumosa, com plumas macias”, pensa a coisa, “mas se continuar assim, vou virar apenas um fio fino e comprido”. E imediatamente é enfiada num dos muitos fusos, sendo girada e torcida e esticada mais e mais, até quase rasgar. Quando está quase rasgando, a coisa é pressionada outra vez e prensada, o que a deixa tonta e também um pouco enjoada. Aqui e lá, luzem as caras distorcidas de medo das outras coisas. Entretanto, antes de conseguirem comunicar-se aos gritos em meio ao barulho, elas se perdem de vista outra vez.

A coisa submerge. Fica tudo quieto por uns instantes. Então ela emerge outra vez e o barulho volta. Agora a coisa encontra-se sobre algo metálico e sobre ela paira uma longa haste afilada. Mãos apressadas giram e passam a coisa sob esta haste afilada, perfurando-a com ela. Isso é incômodo e dói, mas também faz cócegas. E então... algo assim nunca havia acontecido à coisa ... ela é unida a suas vizinhas/

Coisa: Olá.

Coisa vizinha: Olá.

Outra coisa vizinha: Bom dia.

Coisa: Prazer.

firmemente; elas parecem ser algo único.

Li: Aí está.

Wang: Uau!

Todas juntas, elas formam um todo.

Li: Parabéns, Wang.

Wang: Parabéns, Li.

Li: Nossa primeira. E já está vendida.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

25

12. Negociação I

(Beat e Siwa.)

Siwa: Você se lembra, Beat? Você falou que nós íamos ter mais trabalho e produzir menos, mas em compensação com mais qualidade, e assim ganhar mais e viver de maneira mais saudável.

Beat: Sim, mas eu também disse que a transição levaria dois anos.

Siwa: -

Beat: Eu compreendo que você esteja descontente/

Siwa: É. Eu estou descontente. E eu disse para você que se desse errado/

Beat: Siwa, eu estou tão insatisfeito como você. Eu também imaginei que seria diferente. Eu também esperava conseguir um preço melhor. Afinal, era uma mercadoria boa. Descarçada manualmente. Sem pesticidas. Você acha que eu não estou decepcionado?

Siwa: Decepcionado? Você disse que a minha filha teria uma vida melhor .

Beat: Sim... .. Eu disse isso....

Siwa: Mas ela não está tendo uma vida melhor.

Beat: Não.... Sim...

Siwa: Nós tivemos que pedir emprestado.

Beat: Siwa...

Siwa: Isso nunca tinha acontecido, Beat. Nunca! Nós sempre tivemos pouco, mas nunca precisamos pedir emprestado!

Beat: Eu sei.

Siwa: E você sabe para quem nós pedimos?

Beat: Não, eu.....

Siwa: Hum?

Beat: Para...

Siwa: Exatamente. Para os que usaram as sementes dos americanos e pulverizaram as mudas com pesticidas. Existe humilhação maior do isso? Eles riem da minha cara, Beat, porque eu cometi a burrice de deixar um suíço me ensinar como se planta algodão.

Beat: Sim, mas Siwa...

Siwa: E qual é a sua ideia agora, Beat? Quando nós vamos pagar esse dinheiro de volta? Como nós vamos fazer para pagar?

Beat: Siwa, eu... Eu vejo isso exatamente como você. Nós estamos no mesmo barco.

Siwa: Não, não estamos no mesmo barco coisa nenhuma.

Beat: Sim. Siwa. Sim. Porque eu não vou deixar vocês na mão, você entende? Eu continuo aqui. E eu vou ficar aqui. Vou ficar junto com vocês... E nós vamos achar um jeito. Não vamos desanimar. Não, não vamos.

Siwa: E do que nós vamos viver?

Beat: -

13. Infância III

(Patrick e Katrin. Katrin quase nua, mas com a camiseta de Patrick.)

Katrin: E depois?

Patrick: Belgrado, Roma, Buenos Aires, Shanghai.

Katrin: Shanghai! Deus, cada lugar!

Patrick: É por causa da mostra. Quando terminar, aí também acabam as viagens.

Katrin: Aproveite enquanto puder.

Patrick: Era o quarto de Julia. Ela é que deveria estar viajando.

Katrin: Você o fotografou.

(Pausa.)

Patrick: Você está usando a camiseta mesmo.

Katrin: Eu gosto dela. Virou a minha roupa de estudar. Acho que ela me traz sorte.

Patrick: A mim ela não deu sorte.

Katrin:

Patrick: Todo mundo se identifica com esta porcaria de fotografia. É uma besteira! Este é o quarto de Julia, mas as pessoas sempre dizem que tem a ver com elas; a fotografia mexe com elas de maneira muito profunda. Como isso é possível? Um quarto de criança no México é provavelmente diferente de um quarto de criança em Tóquio e, mesmo assim, todos reconhecem exatamente a sua infância ali. As pessoas começam a chorar quando veem a fotografia. Pela sua própria infância. Isso não pode ser verdade. E eu fico feito um idiota diante de todas aquelas perguntas, porque todos acham que eu tenho a resposta. Mas isso tudo só me deixa agressivo. Aquele é o quarto de Julia. Meu quarto era diferente. O seu também. Ou você também se reconhece nele?

Katrin: A gente conhecia o quarto de Julia.

Patrick: E eles sempre ficam tocando em mim.

Katrin: Eles quem?

Patrick: Todos. Todos sempre tocam em mim. Eu acho isso nojento. Eu não quero ser tocado por gente completamente estranha que pensa que me conhece. Eles não me conhecem. E também não conheciam Julia. Mas esta droga de fotografia faz com que as pessoas... ..

(Pausa.)

Katrin: Será que é magia?

Patrick: Agora você também vai começar com essa história.

14. Koi I

(Li e Wang.)

Wang: Um escritório?

Li: É.

Wang: Para que nós precisamos de um escritório?

Li: Nós podemos instalar dois computadores. E expandir.

Wang: Nós precisamos de um caminhão de entregas, não de um escritório.

Li: Com um escritório nós podemos operar pelo menos quatro firmas ao mesmo tempo.

Wang: Com um caminhão de entregas nós podemos fazer todo o transporte nós mesmos.

Li: E quando nós não temos nada para transportar, ele fica à toa.

Wang: Você não quer continuar com o negócio das roupas?

Li: Sim, mas não só.

Wang: O que mais?

Li: Nós poderíamos terceirizar zeladores, por exemplo, ou comercializar soja.

Wang: O quê?

Li: Por que não?

Wang: E as camisetas?

Li: Além das camisetas.

Wang: Tudo ao mesmo tempo?

Li: Lógico que tudo ao mesmo tempo.

Wang: Como vai funcionar?

Li: Com um escritório e 23 horas de trabalho por dia.

(Pausa.)

Wang: Eu acho que nós deveríamos primeiro estruturar direito o negócio das camisetas antes de começar com outra coisa.

Li: Aí nós vamos perder o bonde.

Wang: Vamos pelo menos esperar um pouco.

Li: É tudo muito rápido. Se nós quisermos ficar no páreo, também temos que ser rápidos.

Wang: Nós nem sabemos ainda se o negócio das camisetas vai dar certo.

Li: Justamente. Por isso é que nós precisamos de mais pontos de apoio, assim um funciona como segurança do outro.

(Pausa.)

Wang: Eu quero pensar melhor.

Li: Impossível.

Wang: Como assim?

Li: Este aqui já é agora nosso escritório.

Wang: Espere aí!

Li: Eu imaginei que você provavelmente não iria querer.

Wang: E comprou mesmo assim?

Li: É só alugado, Wang. Nós precisamos de um escritório no centro.

Wang: Mas nós também podemos fazer tudo de casa.

Li: Como quando nós descarçamos o algodão na minha casa?

Wang: Aquilo não foi trabalho de escritório.

Li: Quem tiver alguma pretensão, tem que ter um escritório no centro.

15. O todo

A coisa é, agora, parte de um todo. E o todo se encontra dentro de uma caixa. E a caixa tem outras caixas em cima e embaixo, e em volta das caixas há um plástico que as une em um fardo. As caixas não seguem por mar, mas sim pelo ar. E como a coisa já viajou uma vez, é experiente o suficiente para saber que também esta viagem não precisa ser necessariamente o fim da linha, que talvez seja um recomeço.

Coisa: Não fiquem preocupadas. Tudo vai se ajeitar

Coisa vizinha: Seu otimismo é revoltante.

Em determinado momento, as caixas deixam o ar e voltam à terra. Dali

a caixa com a coisa é levada para um grande caixote com rodas, depois para um caixote com rodas um pouco menor e, por fim, encontra-se sob um braço. Finalmente, a caixa é aberta e a coisa é retirada dali. Seguram-na no alto, como um todo.

Treinador: Dräger, Patrick.

As perspectivas são excelentes. Ali é tudo verde. No verde estão sentados alguns brancos. Como a coisa já vira uma vez.

Patrick: Aqui.

O todo é jogado, aparado e examinado mais uma vez.

Patrick: Maneiro. Número dez.

E, por fim, é vestido.

16. Love V

(Katrin e Thomas.)

Thomas: Em compensação, ela tranca a porta quando vai ao banheiro.

Katrin: Isso é automático.

Thomas: Quando só estamos nós dois em casa, ela tranca a porta quando vai ao banheiro. Como se eu fosse um estranho. Mas na frente do vizinho...

Katrin: Eu deixo a toalha cair, me viro e dou de cara com ele. E ele comigo. E até eu levantar a toalha do chão nervosamente e me cobrir com ela, passa um certo tempo. Algumas frações de segundo. Algumas frações em demasia.

Thomas: Nosso vizinho é feio.

Katrin: Essa não é a questão.

Thomas: E velho.

Katrin: Eu me cobri com a toalha, corri até a janela e fechei as cortinas. Então, me sentei na cama. Sentia minha pulsação como que martelando no cérebro. Eu estava tão agitada. Então, fui bem devagarinho até a janela, afastei a cortina para o lado e olhei se ele ainda estava lá.

(Pausa.)

Thomas: E?

Katrin: E o quê?

Thomas: Ele ainda estava lá?

Katrin: Não estava mais.

(Pausa.)

Katrin: Por um tempo ficou nisso. A próxima vez foi só depois do meu exame intermediário na faculdade.

Thomas: Só!

Katrin: Eu também estava confusa. Me perguntava se realmente... se a sensação que eu tive, se era realmente aquilo que eu estava pensando ou se... Talvez fosse somente uma aragem fria pelo quarto que me deixava arrepiada.

Thomas: Aragem ...

Katrin: Mas aquele momento não me saía da cabeça.

Thomas: Nós mal tínhamos um ano de casados e eu já não basto mais para você.

Katrin: Não é isso.

Thomas: Mas, pelo jeito, você acha melhor quando o nosso vizinho feio olha para você do que quando eu faço isso.

Katrin: Eu tentei reprimir. Nem contei para ninguém. Mas, depois do banho, meu pulso sempre começava a disparar e eu ficava com as mãos suadas quando vinha para o quarto só enrolada na toalha. E sempre deixava as cortinas abertas. De um modo intencionalmente não intencional. Esperando que ele estivesse lá outra vez. E, então, aconteceu. A questão não era que ELE estava lá. Eu não achava o vizinho aproveitável,

Thomas: /Aproveitador, isso sim

Katrin: era a situação. Ser olhada. Eu gostava do jeito dele me olhar. De ele me olhar e me achar bonita.

Thomas: /Eu também acho você bonita./

Katrin: Me desejar.

Thomas: Eu desejo você./

(Segura a mão de Katrin.)

Katrin: Mas que não possa tocar em mim. De tê-lo na minha mão. Se eu fecho a cortina, acaba o show,

Thomas: /Você chama isso de show./

Katrin: se deixo aberta, ele pode olhar. Tudo somente enquanto eu quiser.

Thomas:

Katrin:

17. Negociação II

(Beat carrega um monte de armas entortadas até a casa de Siwa.)

Beat: Então?

Siwa: Beat! De onde você tirou isso?

Beat: Vamos dizer que eu achei. Não é à toa que eu sou um voluntário.

Siwa: E que você quer com elas?

Beat: Vender, na Europa. Com o lucro, nós conseguimos aguentar até a próxima colheita.

Siwa: Isso é sucata. Depois da guerra, a ONU mandou entortá-las.

Beat: A gente desentorta.

Siwa: Você nunca mais consegue ajustá-las exatamente. E, além disso, como você quer tirá-las do país?

Beat: Eu declaro como obras de arte e levo-as pessoalmente para a Europa.

Siwa: Você vai nos deixar aqui esperando?

Beat: O quê? Eu estou tentando ajudar vocês.

Siwa: Ah é? E quem é que vai comprar uma arma que atira torto? Nem os europeus são tão burros. Beat, se você quer voltar para casa, então volte. Mas não fique mentindo para você mesmo. E muito menos para mim.

Beat: Escute, Siwa. Eu pelo menos estou contribuindo com ideias.

Siwa: E que ideias! Armas da guerra civil entortadas. Ótima ideia.

Beat: Sabe, quem não é capaz de aceitar ajuda não precisa se admirar de estar numa situação ruim. É isso o que está parecendo. Não fazem nada, mas também não conseguem aceitar ajuda. Este é o problema de vocês. Esse é o problema de todo o continente de merda de vocês: a preguiça. Vocês são preguiçosos. É. Muito bem, você acha a ideia ruim Não tem problema. Nós fazemos como você quiser. Eu topo. E? Qual é o seu plano?

Siwa: Vá embora, Beat!

Beat: Essa é a sua ideia?

Siwa: Pegue as suas merdas de armas e vá embora. Deixe-nos simplesmente em paz!

Beat: Muito bem, Siwa. Ótima sugestão. Vamos fazer assim.

(Siwa sai.)

Beat: Sim. E ainda fica ofendido. Claro. Isso é que eu chamo de gratidão.

(Beat vai embora levando as armas.)

18. Love VI

(Katrin e Thomas.)

Katrin: Bem... mas então quando ele se parou à janela com a câmera na mão...

Thomas: Que filho da puta!

Katrin: Calma!

Thomas: Eu vou explodir!

Katrin: Thomas!

Thomas: Você é casada comigo e se deixa filmar pelo nosso vizinho perverso enquanto se bolina.

Katrin: Eu NÃO me deixei filmar por ele.

Thomas: Mas você ficou se bolinando na frente dele. Porra, eu não sou impotente!

Katrin: E o que isso tem a ver com a sua potência?

Thomas: Todo mundo que estiver sendo enganado, levante a mão!

(Thomas levanta a mão.)

Katrin: Thomas ...

Thomas: Não tem problema, vamos! Pode me mandar para lá e para cá. Ou quer que eu vá para o outro lado?

(Vai para o outro lado.)

Thomas: Está bom assim para você? Tudo bem se eu deixar você me cuspir daqui? Ou quer que eu fique num pé só? Como você prefere?

(Thomas se equilibra num pé só.)

Thomas: E agora? Bem, eu poderia eu mesmo me esbofetear. Ou isso não é degradante o suficiente para você? Eu posso fazer e você me diz, então, se está bom assim ou não.

(Thomas esbofeteia o próprio o rosto se equilibrando num só pé. Esbofeteia-se várias vezes.

Katrin espera.)

Katrin: Ele realmente quis me filmar. Aquilo foi demais para mim. A partir dali, as cortinas ficaram fechadas outra vez, e eu pensei que se tratasse mesmo de uma fase. Na escola, eu tive a fase de querer dormir com todos os garotos que caíam nas minhas mãos. Sempre saía com uma amiga. Nós nos deixávamos levar, trepávamos com os caras e depois os mandávamos passear. Eles se sentiam o máximo, é claro. Parques, carros, praças, banheiros. Depois,

nós nos encontrávamos e contávamos uma para a outra. E da mesma forma repentina como começamos, nós também paramos de fazer isso.

Thomas: Piranha interiorana. De onde eu venho, a gente chama este tipo de garota de piranha interiorana.

Katrin: Eu não sou do interior.

Thomas: E eu me casei com você sem saber quem você é.

Katrin: Você nunca teve uma fase assim?

Thomas: Assim não.

Katrin: Do quê, então?

Thomas: Sei lá... teve uma época em que eu só ouvia Hip Hop.

Katrin: Só isso?

Thomas: E bebia.

Katrin: E outras coisas não? Você nunca fez experiências? De sair passando o rodo? Experimentando tudo quanto é droga?

Thomas: Eu fumo. Isso é o suficiente.

Katrin: Mas você teve pelo menos uma experiência homossexual?

Thomas: Eu não tenho que responder isso.

Katrin: Não, claro que não.

(Longa pausa.)

Katrin: Você que me deu a webcam.

Thomas: Ah sim, agora ainda é culpa minha?

19. Koi II

(Wang diante do aquário de Li. Li na frente do computador de Wang e do seu.)

Wang: É um koi?

Li: Sim.

Wang: E como é o nome dele?

Li: Só Koi.

Wang: Aha.

(Pausa.)

Wang: Qual a idade dele?

Li: Ele era do meu pai.

Wang: Ouvi dizer que eles chegam a ficar bem velhos. Você tem certeza de que quer deixá-lo aqui?

Li: Ele lhe incomoda?

Wang: Não, mas... no escritório...

Li: Aqui eu o vejo mais seguido do que em casa.

Wang: Sim. Pode ser.

(Wang brinca com o koi.)

Wang: Olá... Olaaaá koi... vamos lá... pegue! ... Vamos!

Li: Escute. Dá para você parar? Ele vai se assustar.

Wang: Eu não posso usar o meu computador.

Li: Agora já pode de novo. Eu instalei o Cyberghost para nós.

Wang: Cyberghost.

Lie: Com ele a gente pode burlar a censura e acessar qualquer site. Isso vai nos facilitar algumas coisas.

20. A coisa tem um dono

Katrin: Você está fedendo como um gambá. Você já lavou esta coisa alguma vez?

Patrick: Eu vou vesti-la a temporada inteira assim.

A coisa fede. E suas vizinhas também. Todas fedem.

Katrin: Sem lavar?

E como elas fedem como um todo, isso é bonito, de certa maneira.

Patrick: Ela me dá sorte. Até agora, em cada jogo em que a vesti, fiz pelo menos um gol.

E a cada vez beijava exatamente a coisa.

Katrin: Provavelmente porque o goleiro desmaia.

A coisa conhece o amor. Ela é amada e idolatrada.

Patrick: Lothar Matthäus usou por oito anos as mesmas chuteiras.

Katrin: Provavelmente ele as lavava.

Patrick: E quando elas se acabaram, na final de 90, ele deixou Brehme bater o pênalti.

Katrin: Era só ele ter trocado de chuteira antes.

A coisa sabe por que é amada. E sabe que não tem nenhuma influência sobre este amor. Mas mesmo assim ela se esforça.

Patrick: Hoje vem um olheiro da seleção nacional de juvenis. Se eu fizer um gol hoje de novo, meu Deus!

Katrin: Tomara que eles não selecionem os jogadores pelo cheiro.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

Patrick: Pare com isso.

Katrin: Olhe só, você vai de carro para o jogo, então você pode, na volta, buscar a Julia?

Patrick: Sim. Pode ser.

21. Koi III

(Li e Wang no escritório. O koi também está ali.)

Wang: Nós deveríamos parar com esse negócio de camisetas e nos concentrar completamente na soja.

Li: Como assim?

Wang: Com a soja nós temos a melhor média. Olhe só: a gente recebe a mercadoria da Argentina, extrai e vende o óleo aqui na China e repassa a casca triturada para os romenos, que o usam como ração para alimentar os porcos.

Li: Ah, eles agora resolveram comprar mesmo?

Wang: Eu falei mais uma vez com eles e reduzi um pouco o preço, e, mesmo assim, eles já pagam mais do que os argentinos haviam pedido. Ou seja, nós já saímos lucrando na compra. Isso sem falar no óleo de soja. Aí nós temos 100% de lucro. Isso é muito mais rentável do que as camisetas ou os zeladores.

Li: Então nós deveríamos mesmo pensar no assunto.

(Katrin aparece na frente de Li em uma janela pop-up. Ela está vestindo apenas uma camiseta de futebol e tenta parecer erótica.)

Wang: As camisetas só valem a pena se nós conseguimos a matéria-prima a um preço baixo, mas até agora só tivemos sorte uma vez com os africanos. E os zeladores se queixam constantemente, coisa que a soja não faz.

Li: Dê uma olhada nela!

Wang: Nela quem?

Li: Venha cá. Olhe só!

(Wang vai até Li. Eles observam Katrin.)

Li: Que linda!

(Eles observam Katrin.)

Li: Ela não é espetacular?

Wang: Mais ou menos.

(Katrin geme e se espreguiça.)

Wang: O que ela está fazendo?

Li: Eu a acho linda!

Wang: Será que não dói?

(Eles ficam olhando por alguns instantes. Então Katrin desaparece repentinamente.)

Li: Merda, caiu outra vez!

22. A coisa dá sorte I

Mais uma vez a coisa está em contato com o ar. E com água - em forma de suor. A coisa está banhada nele. E o suor, como todo líquido, deixa a coisa mais resistente. A coisa está em seu lugar favorito: junto ao corpo do jovem que a ama tanto. O jovem está ao volante de um carro e o carro está no ar.

Alguma coisa fez com que ele levantasse, e, no voo, ele dá uma reviravolta e aterrissa lentamente sobre o capô. Quando o carro bate no chão, a coisa se cola no jovem. Todos os músculos tensionados - ela tenta não rasgar. A coisa é rodopiada no espaço com tanta força, que solta um grito muito agudo e muito alto, mas mal se ouve seu grito, pois ainda há muitos outros barulhos ao mesmo tempo. E, então, de repente, silêncio outra vez. Um silêncio que parece ainda muito mais silencioso porque recém o barulho fora tão alto. A coisa está tonta. Está completamente perdida.

Patrick: Ah! Merda... A minha perna... Está tudo bem com você? ... Julia... Julia...

A última lembrança da coisa é de ser golpeada por uma lágrima salgada e desmaiar.

23. Koi IV

(Li e Patrick. No avião.)

Li: E o senhor gostou da China?

Patrick: Eu não vi muita coisa.

Li: Sua primeira vez?

Patrick: Sim.

Li: Posso lhe perguntar o que o senhor foi fazer lá?

Patrick: Sim.

Li: E? O que o senhor fez lá?

(Patrick observa Li por alguns instantes. Então:)

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

Patrick: Fui jogar futebol.
Li: O senhor é jogador de futebol?
Patrick: Sim.
Li: O senhor é famoso.
Patrick: Tão bom assim eu não sou.
Li: Mas se o senhor vem até a China para jogar.
(Pausa.)
Patrick: E o senhor? O que vai fazer na Alemanha?
Wang: Alemanha?
Li: Sim.
Wang: Você ficou doido?
Li: Você pode tomar conta das nossas firmas durante esse tempo?
Wang: Você vai me deixar sozinho?
Li: Eu preciso achá-la.
Wang: Assim, sem mais nem menos?
Li: Eu vou voltar com ela.
Wang: Li, você não está batendo bem.
Li: Você não pode me impedir.
Wang: Como você vai encontrá-la?
Li: Eu tenho uma suposição segura de onde ela está.
Wang: Uma suposição segura? Você está louco?
Li: Nós fomos feitos um para o outro. Ela é minha.
Wang: Eu vou vomitar.
Li: Cada pessoa foi feita para uma outra pessoa.
Wang: Só porque ela fica futricando na xoxota na internet, isso não significa que ela foi feita para você.
Li: Não tem nada a ver com a xoxota dela.
Wang: Com o quê, então? Com as conversas profundas que vocês têm?
Li: Não. É uma outra coisa.
Wang: Ela nem conhece você.
Li: Oh, muito pelo contrário. É como se nós nos conhecêssemos há uma eternidade.
Wang: E se ela tiver alguém?
Li: Eu vou derrotá-lo e libertá-la.
Wang: Li, e o nosso escritório? As nossas firmas?

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

38

Li: Eu vou encontrar minha mulher.

Patrick: Oh, o senhor vive na Alemanha?
Wang: /Li, qual é a sua ideia?/
Li: Não, não mas minha mulher é alemã.
Patrick: Ah.
Wang: /Você não pode simplesmente me deixar na mão. /
Li: Mas agora ela vai vir comigo para a China.
Wang: /Se você for agora.../
Patrick: O senhor trabalha na China?
Li: Sim. Eu tenho algumas firmas.
Patrick: Algumas?
Li: Na verdade, somente três: camisetas, zeladores e soja.
Patrick: Mistura interessante.
Li: Poderia bem imaginar ainda uma quarta firma.
Patrick: Os alemães fabricam bons carros. Que tal?
Li: Eu estava pensando mais em uma coisa como lixo.
Patrick: Lixo.
Li: É uma coisa que sempre tem, nunca vai faltar.
Patrick: Meu cunhado trabalha com uma coisa parecida.
Li: Então dê o meu cartão para ele.

(Li dá seu cartão de visita a Patrick.)

Patrick: Uau! Bem no centro.

24. Infância IV

(Patrick Dräger na Sveriges Television.)

ST: Sr. Dräger. O senhor aqui sentado conosco - é incrível.

Patrick: Nem tanto, eu fui convidado.

ST: Com 17 anos de idade, sem ter feito um curso, sem nenhuma experiência, o senhor tirou uma fotografia que, há anos, excursiona pelo mundo inteiro. Agora ela também pode ser vista aqui em Estocolmo: A infância.

Patrick: Ela na verdade não tem um título.

ST: Na foto, nós vemos um clássico quarto de criança: uma cama com muitos bichos de pelúcia, uma estante com jogos e quebra-cabeças. À esquerda, uma escrivaninha com

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

39

um livro aberto em cima. Na janela, as cortinas com um motivo infantil ... parece uma bruxa.

Patrick: É Bibi, a bruxinha.

ST: E, levemente descentralizado, um par de sapatos da criança.

Patrick: Sim.

ST: A luz nesta fotografia é maravilhosa, a composição, a estrutura, a posição dos sapatos, levemente no foco, tudo é perfeitamente planejado. O fascinante no retrato é o arranjo de elementos inocentes num momento matinal. No vazio desse quarto, a gente sente a presença de uma pessoa. Uma presença que o próprio observador preenche. O observador se transforma nessa pessoa presente em sua ausência e, de repente, se encontra neste quarto de criança, transportado automaticamente para sua própria infância. Eu mesmo, embora seja sueco. E muito mais velho que o senhor. Como o senhor explica isso?

Patrick: ...

ST: O senhor tinha consciência da linguagem universal da sua fotografia quando a inscreveu no concurso?

Patrick: Eu não inscrevi a fotografia.

ST: O senhor quer dizer que alguém o inscreveu anonimamente? Isso seria ainda mais incrível.

Patrick: Não. Fringmann me inscreveu.

ST: Fringmann.

Patrick: Foi lá que eu comecei como aprendiz.

ST: De fotógrafo.

Patrick: De assistente técnico.

ST: E o senhor sabia que Fringmann o havia inscrito?

Patrick: Sim, claro. Ele me perguntou se eu queria e sugeriu a fotografia.

ST: E quando o senhor ficou sabendo que era o vencedor e que sua fotografia seria a principal obra desta exposição, qual foi a sua sensação?

Patrick: Qual foi a sensação...?..?

ST: O senhor acredita em uma força superior? Em algo maior do que todos nós? Que esteja acima dos seres humanos? Algo que o levou a fazer esta fotografia?

Patrick: ...

ST: ?

Patrick: Não sei... Talvez..... (de modo incompreensível)

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

40

ST: Como?

Patrick: Magia? Talvez seja ... magia.

ST: Sr. Dräger, o senhor não vai me acreditar, mas era exatamente o que eu estava pensando.

25. Koi V

(Li e Wang.)

Li: Um agricultor.

Wang: Um agricultor comum. Ele bloqueou a estrada com sua pequena moto.

Li: Com uma moto pequena? Por que isso?

Wang: Ele sempre cultivou seu milho e sei lá mais o quê naquela terra, mas nunca fez a inscrição no Registro de Imóveis, comprovando que o campo lhe pertence. Assim, os brasileiros não tiveram grande dificuldade.

Li: Eu sempre pensei que a nossa soja viesse da Argentina.

Wang: Ela vem. Mas pertence a um brasileiro.

Li: E?

Wang: E nada. Os brasileiros foram à Argentina e inscreveram o campo do agricultor argentino no Registro de Imóveis como seu.

Li: Embora ele pertença ao argentino.

Wang: Sim, mas ele nunca registrou.

Li: Então não pertence a ele.

Wang: Isso aí.

Li: E onde está o problema?

Wang: O problema é que o agricultor argentino não quer aceitar.

Li: Mas se ele não o registra, então é culpa dele mesmo.

Wang: Ele acha que não.

Li: Eles não têm um Estado para regulamentar isso tudo?

Wang: Na América do Sul!

Li: Mas um caminhão não pode se deixar intimidar por um homem e uma moto pequena.

Wang: Sim. Depois de uma hora estava tudo resolvido.

Li: Então qual é o problema?

Wang: Por causa dessa uma hora, o caminhão perdeu o navio. E agora eu estou aqui esperando conseguir um outro navio. Eles estão todos lotados.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

41

Li: Espere aí. Onde você está?

Wang: Em Montevideu, ora. No porto.
Li: No Uruguai?
Wang: Sim. Merda. Nós assinamos contratos. Nós temos que entregar o óleo de soja. E mais a casca depois do processamento. Imagine se os romenos não puderem mais comprar a casca da soja para usar como ração para os seus porcos ... Eles nos cortam a cabeça.
Li: Eles que alimentem os porcos com outra coisa.
Wang: Se eles pudessem, com certeza não comprariam a sua ração na China. Oh, Li!
Li: Sinto muito, Wang. Mas eu não tenho como sair daqui.
Wang: Desista dessa merda e volte.
Li: Não vai demorar muito tempo.
Wang: Aqui está tudo desmoronando e você sai em busca de uma pornoqueen.
Li: Princesa. O nome dela é Princesa.
Wang: Você nunca vai encontrá-la.
Li: Eu já a encontrei. Só preciso libertá-la.
Wang: O quê?
Li: Sim. Ela é maravilhosa. E eu vou lutar por ela e depois voltar, junto com ela.
Wang: Li!

26. Negociação III (Mercado negro)

(Li está ali.

E Beat vem chegando.

Beat confirma discretamente que é mesmo Beat.

Li confirma discretamente que é Li.

Li pergunta discretamente a Beat se ele tem armas.

Beat confirma discretamente que tem armas, e pergunta a Li se ele tem dinheiro.

Li mostra discretamente o dinheiro a Beat.

Beat mostra discretamente a Li diversas armas.

Li aponta discretamente para um revólver e pergunta a Beat quanto ele custa.

Beat mostra discretamente a Li quanto custa o revólver.

Li deixa discretamente o dinheiro na mesa.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

42

Beat deixa discretamente o revólver na mesa.

Discretamente, de passagem, como que por acaso, eles trocam de lado.

Beat conta discretamente o dinheiro. Li guarda o revólver discretamente.

Eles se despedem discretamente.

Beat vai embora.

Li vai embora.)

27. A coisa dá sorte II

A coisa se surpreende. Voara e flutuara, havia fedido banhada em suor e sido amada e beijada. A maior parte disso com e pelo jovem de que ela gostava tanto. Mas agora o jovem estava ausente e a coisa constantemente no corpo desta mulher. E aí a coisa tem uma surpresa. Pois, por mais que goste do jovem, a coisa constata que não está sentindo a sua falta.

Thomas: Eu cheguei em casa, naquela noite, mais tarde do que o normal. Jus-ta-men-te naquela noite.

Katrin: Sim, sorte sua.

Thomas: Se eu tivesse sido pontual, poderia ter reagido de forma completamente diferente.

Katrin: Quando você chegou, não foi uma grande ajuda.

Thomas: Era uma quarta-feira. Nas quartas-feiras, eu sempre vou à academia e depois passo no açougue para comprar uma bisteca de porco. A gente deve comer carne depois de fazer esporte, porque, com a contração muscular, os ácidos graxos saturados são quebrados e sua reconstrução é ativada através da ingestão de proteína animal. E a mais apropriada é a carne de porco.

Katrin: Sabe, se você quiser comer carne, então coma, mas não precisa fazer toda uma teoria em cima disso!

Thomas: Eu posso provar que tenho razão: nunca tenho fadiga muscular!

A coisa está no corpo da mulher e a mulher está sozinha. E como sempre quando está sozinha, e como sempre quando a coisa está sobre a mulher, a mulher está deitada na frente do seu computador, gemendo.

Katrin: Tanto faz. De todo modo, você se atrasou.

Thomas: Sim. Porque o meu açougueiro não tinha carne de porco. É claro que eu não compro a minha bisteca embalada no supermercado, e sim no açougue da minha confiança.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

43

Katrin: Que é de um romeno.

Thomas: Sim. A carne dele também vem da Romênia, mas jus-ta-men-te naquela quarta-feira ele não tinha carne de porco.

Katrin: Sim. Mas isso não faz diferença.

Thomas: Faz, sim. Se ele tivesse tido carne de porco, eu teria chegado pontualmente e teria podido ajudar você. Assim, eu tive que escolher um pedaço de carne de gado.

Como a mulher está deitada, a coisa também está deitada e, por isso, não consegue ver o que a mulher está fazendo diante do computador. Além disso, a gente fica tão sonolenta quando está deitada assim numa cama quente. Neste momento toca a campainha.

(A campainha toca.)

Katrin: Quando tocou, eu achei que era você. Pensei que você tivesse esquecido a chave. A campainha toca e a mulher fica toda nervosa, como se tivesse sido flagrada. Ela enfia uma calça, segue pelo corredor e abre a porta.

(Katrin abre a porta. Diante da porta se encontra Li)

Diante da porta se encontra um daqueles amarelos de cabelo preto e os olhinhos puxados.

Katrin: Foi muito estranho. Eu abro a porta e lá está um oriental que eu nunca tinha visto na vida. Juro. Mas penso: você o conhece de algum lugar.

Thomas: Eles têm todos a mesma cara.

Katrin: Embora eu tenha certeza de não conhecê-lo, de não ter como conhecê-lo, eu tenho, ao mesmo tempo, a sensação de já conhecê-lo há uma eternidade.

Thomas: Isso é uma contradição.

Katrin: E ele me olha de um jeito estranho, como se logo fosse começar a chorar.

(Li olha como se logo fosse começar a chorar.)

Katrin: Mas depois se segura e diz uma coisa,

Li: Princesa! Você é tão linda.

Katrin: em chinês, provavelmente. E então grita.

Li: Eu quero lutar com você por sua mulher! Onde você está?

Katrin: Eu levantei as mãos imediatamente.

Li: Venha! Seja homem!

(Li irrompe no apartamento.)

Katrin: Mas ele passa por mim e irrompe no apartamento gritando:

Li: Onde você está? Vamos lutar!

A mulher está surpresa, mas a coisa não se surpreende, pois sabe que os amarelos fazem, às vezes, coisas muito estranhas. A coisa, por exemplo, foi descaroçada por um amarelo dentro de um apartamento.

Katrin: Ele era muito pequeno e ágil. Incrivelmente rápido.

(Li revista o apartamento.)

Katrin: Esquadrinhou nosso apartamento numa velocidade louca, como se estivesse procurando algo específico.

Li: Eu sei que você está aí.

Katrin: E gritava incessantemente.

(Depois de o amarelo sumir por um tempo dentro do apartamento, ele retorna. À mulher, à coisa.)

Li: Onde você está? Apareça.

Katrin: Eu acho que ele estava muito furioso.

Li: Eu vou libertar você, princesa, e então você vai vir junto comigo.

Katrin: Provavelmente, ele não encontrou o que estava procurando.

Li: E nós vamos ficar juntos! Para sempre! Nós fomos feitos um para o outro.

Thomas: E então eu cheguei. Tarde demais, porque o açougueiro jus-ta-men-te naquele dia não tinha carne de porco e eu demorei para escolher um pedaço de carne de gado.

Katrin: Eu nem percebi você.

Thomas: Porque você estava de costas para a porta. Olhe a cena: eu chego em casa, na mão esquerda um saco do açougue com 250 gramas de carne, na direita, minhas coisas da academia, e vejo minha esposa com as mãos levantadas, de costas para a porta aberta. Eu vi na hora que tinha alguma coisa errada.

(O amarelo olha para a mulher, depois para a coisa e então para o lado.)

Li: Aí está você! Aí está você! Vamos, lute!

Thomas: Eu não entendi uma palavra.

Katrin: E eu tinha certeza de que era comigo, porque eu nem sabia que ele tinha chegado.

A coisa se pergunta se o amarelo a está reconhecendo.

Katrin: E então foi tudo muito rápido: O oriental dá um grito ...

Li: Saque a arma!

Löhle; A coisa,

Rowohlt Theater Verlag

45

Katrin: e saca uma pistola.

(Li saca uma pistola.)

O amarelo tem agora um ferro na mão.

Thomas: Eu pensei: agora é o fim.

A coisa nunca havia visto um ferro daqueles, mas ele estava apontando direto para a coisa.

Katrin: Se eu soubesse que você estava atrás de mim.

Thomas: Ele estava com uma pistola!

(Embora o amarelo não estivesse olhando para a mulher, o ferro em sua mão estava apontando diretamente para a coisa.)

Thomas: Com o susto, deixei cair no chão a carne. 250 gramas. Plaff.

Katrin: Plaff. E aí ele atirou.

(Li atira.)

A coisa ouve um estrondo e uma bala pequena, preta e redonda voa do ferro em direção a ela.

Uma bala assim a coisa também nunca havia visto, mas quem está vivo está sempre aprendendo.

Por instinto, a coisa age no intuito de apagar a bala pequena, preta e redonda.

Katrin: Eu tenho certeza de que ele não queria me atingir.

Thomas: Se ele realmente não queria acertar você, então ele é o pior atirador do mundo.

Katrin: Sim, mas o jeito como ele me olhava.

A bala redonda, preta e pequena é muito demasiado dura e quente para a coisa poder segurá-la ou pará-la. Ela não tem nenhuma chance.

(Katrin é atingida pela bala.)

Li: Oh, não. Merda!

(A bala acerta em cheio. Há sangue e um pandemônio por toda a volta.)

Li: Princesa.

Thomas: Talvez ele quisesse se vingar em mim.

Li: Princesa!

Katrin: Em você? E por quê?

Falta um pedaço na coisa e ela sente muita dor.

Li: Oh meu Deus!

Katrin: Como uma pessoa pode ser tão egocêntrica?

Li: Princesa!

(Li olha para Thomas, Thomas olha para Li.)

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

A coisa grita. Onde ela antes estava conectada com suas vizinhas, abre-se agora um buraco do qual jorra sangue.

Thomas: Por que ele atirou só em você?
Katrín: E por que ele atiraria em nós dois?
Thomas: Ele nem levou nada.
Katrín: E você deixou que ele fugisse!
Thomas: Ora, você estava no chão, baleada,
Katrín: /Idiota./
Thomas: e ele continuava com a pistola na mão.

(Li olha para Thomas, Thomas olha para Li, ambos olham para Katrín.)

Li: Eu não queria isso.
Thomas: O quê?
Li: Eu não queria isso.

(Li sai.)

Katrín: Por que você não o dominou?
Thomas: Pelo amor de Deus. O que você espera de mim?
Katrín: Então para que serve toda a sua musculação?
Thomas: Com certeza não para dominar pequenos asiáticos armados dentro do meu apartamento.
Katrín: Isso pelo menos seria uma coisa útil.

A mulher e, junto com ela, a coisa - incluindo o buraco, que, na verdade, só existe porque ali onde ele se encontra não há nada - tombam no chão. Mas a coisa não desmaia. Ela está prestes a desfalecer, mas consegue se recompor. Desta vez.

28. Negociação IV

(Beat e Siwa)

Siwa: Você voltou?
Beat: Eu disse que ia voltar.
Siwa: Corajoso.
Beat: Trouxe uma coisa para você, Siwa.

(Beat mostra-lhe o dinheiro.)

Siwa: Talvez não seja uma boa ideia.
Beat: O quê?

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

Siwa: Se nos virem juntos aqui.
Beat: Você não o quer?
Siwa: Eu acho que você deveria sumir daqui.
Beat: Aconteceu alguma coisa?
Siwa: Cara! Você roubou nossas armas.
Beat: E estou trazendo dinheiro em troca, sim.
Siwa: Beat, se alguém vir você com o dinheiro, você está numa encrenca. E se me virem com você, aí eu estou numa encrenca.
Beat: Nós vamos fazer uma divisão justa. Entre todos.
Siwa: Acho que é mais seguro você levar isso embora.
Beat: Que merda é essa?
Siwa: Cara, o que você acha que isso parece? Você usa sua posição para sumir com as nossas armas e agora volta com uma pilha de dinheiro?
Beat: Para vocês!
Siwa: Isso se chama corrupção.
Beat: Ah, sim. E vocês aqui são todos santos, né?
Siwa: Não, mas essa mixaria não vai deixar ninguém satisfeito.
Beat: Mixaria?
Siwa: Ninguém vai acreditar que isso é tudo.
Beat: Mas é tudo.
Siwa: Não importa quanto seja, nunca seria tudo.
Beat: Siwa!
Siwa: Você tinha razão, Beat. Nós temos que partir das nossas próprias ideias para mudar alguma coisa.
Beat: Não foi isso que eu quis dizer.
Siwa: Mas eu entendi assim.
Beat: Mas...
Siwa: Eu agora estou vendendo roupas. Dead Men's Clothes. Só peças únicas.

29. Inventário

(Patrick e Thomas.)

Patrick: E?
Thomas: É, eu ainda estou meio que em estado de choque.

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

Patrick: Na verdade, eu me referia à Katrin.
Thomas: Ah. Sim. Ela logo vai ter alta.
Patrick: Então eles encontraram a bala?
Thomas: A bala... não.
Patrick: E vão dar alta mesmo assim? Eles estão loucos?
Thomas: Os médicos dizem que se eles não a encontraram, é porque ela não está mais lá.
Patrick: Ela não saiu por nenhum lugar. Tem que estar alojada no corpo.
Thomas: Eles dizem que já procuraram por tudo.
Patrick: Eles vão mandá-la para casa com uma bala no corpo?
Thomas: Se eles não a encontram...
Patrick: Que médicos são esses? Se eles não retirarem a bala, ela pode ter um troço. Sabe-se lá onde ela estava antes, que germes e doenças ela pode transmitir. Eles não podem fazer isso. É porque não estão a fim de procurar, ou o quê?
Thomas: Eu acredito que eles estão tentando.
Patrick: Tentando?
(Ele levanta a camiseta e aponta para o furo.)
Patrick: E eles querem dizer que não encontram a bala? Até um cego pode achá-la.
Thomas: Não fique nervoso.
Patrick: Como não? Tamanha burrice deixa qualquer um nervoso.
Thomas: Com bala ou sem, nós temos que estar contentes que Katrin está viva. Isso é o mais importante.

(Patrick olha a camiseta em sua mão.)

Patrick: Eu vou jogar essa coisa de merda fora.
Thomas: É só um buraquinho.
Patrick: Ou vou queimar.
Thomas: Patrick, ela ainda está boa.
Patrick: Só dá azar essa coisa imunda.
Thomas: Se você quiser, eu dou um jeito nela para você.
Patrick: Sim, faça isso. Quanto mais longe, melhor.

(Patrick dá a camiseta a Thomas.)

(Pausa.)

Thomas: Não se preocupe. Eu mandei fazer um retrato falado. Vamos ver se eles pegam o sujeito.

(Thomas estende a Patrick um retrato falado.)

Patrick: Puta merda!

Thomas: Sim, eu sei. Tem mais ou menos 2 bilhões de seres humanos com essa cara. Mesmo assim.

30. A coisa pela metade

Agora, a coisa é a somente uma meia coisa. E a sua vizinha também está pela metade. E entre elas está o buraco. E o buraco não tem intenção de desaparecer. Em relação ao todo, o buraco nem é tão grande assim, e o fato de a coisa só existir agora pela metade também não é tão grave. Mas, assim como toda pessoa sente quando chegou a sua hora, o mesmo também sente cada coisa. Quando a coisa vê a etiqueta Mange & Kamff Reciclagem de materiais, neste momento ela compreende alguns fatos e, espiando por sobre o furo, encontra a vizinha, e elas acenam com a cabeça uma para a outra, compreendendo tudo, antes de desaparecerem dentro de um fino saco plástico.

31. Koi VI

(Li e Wang e o koi.)

Li: Wang.

Wang: -

Li: Eu sinto muito. Nunca deveria ter deixado você sozinho.

(Pausa.)

Wang: Estão todos furiosos! Todos. Os zeladores estão furiosos porque nós não estávamos aqui para intermediá-los. Agora eles mesmos fazem a intermediação. Os romenos estão furiosos porque por nossa causa os seus porcos morreram de fome. Eles não param de gritar e inclusive já ameaçaram acabar conosco. E eu estou furioso porque agora que eu consegui a soja não encontro ninguém mais que a queira. E porque você, seu imbecil, me deixou sozinho com essa merda toda!

(Pausa.)

Li: Sim.

Wang: Sim? "Sim" é tudo que você sabe dizer? Não, Li, não. Nós estamos na merda!

(Patrick entra. Ele está com o cartão de visita de Li na mão. Olha em volta. Vê Wang. Vê Li. Patrick deixa cair o cartão de visita e saca um taco de baseball.)

Wang: Merda, um romeno. Nós estamos afundados na merda. Por favor.....

Löhle; A coisa

Rowohlt Theater Verlag

(Patrick espatifa o aquário e mata o koi. Wang está muito nervoso, Li observa calmamente.)

Wang: Merda, Li: Ele vai acabar conosco.

(Li contempla o koi morto e depois Patrick.)

Li: (a Patrick) Sabe o que é o pior? Não era ela. Eu me enganei. Ela não foi feita para mim. Ela pertence a uma outra pessoa.

32. No Love

(Katrin e Thomas.)

Katrin: Thomas?

Thomas: -

Katrin: Abra aí.

Thomas: Infelizmente, você veio fora do horário de funcionamento.

Katrin: Por favor!

Thomas: Olhe na placa. Mange & Kamff - Reciclagem de materiais. Recebimento de mercadorias das nove às doze e das três às sete.

Katrin: É o meu coração.

Thomas: Que há com ele? Você quer reciclá-lo?

Katrin: Está fazendo uns ruídos estranhos.

Thomas: Então talvez você deva desfazer-se dele mesmo. Até me surpreende, aliás, que você tenha um.

Katrin: Pare de ser tão metafórico e me ajude.

Thomas: OK, então absolutamente desmetaforicamente: Pegue a linha dez, ela para bem na frente do hospital.

Katrin: Você não quer voltar para casa? Por favor!

Thomas: De que jeito?

Katrin: Eu não tenho mais aquela homepage.

Thomas: Estou me lixando para a sua homepage. Faça o que você quiser.

Katrin: Sinto muito. Eu deveria ter contado para você.

Thomas: Mas teria sido bem menos divertido para a polícia, Princesa!

Katrin: E você me larga sozinha no hospital.

Thomas: Cara, eu fiquei sabendo através de uns policiais tarados que você tira a roupa na internet!

Katrin: Mesmo assim.
Thomas: Mesmo assim o quê?
Katrin: Mesmo assim não é certo deixar a própria esposa sozinha à beira da morte.
Thomas: Você não está à beira da morte.
Katrin: Mas o meu coração não está bem.
Thomas: Ah. Quem é aqui o metafórico?
Katrin: Estou falando fisiologicamente.
Thomas: Eu não sou médico, minha área é a reciclagem.
Katrin: Thomas.
Thomas: Katrin, vá a um hospital.
Katrin: Você quer realmente ficar morando aqui na firma? Isso é uma bobagem.
Thomas: Mas é próximo do trabalho.
Katrin: Quem quer realmente sair de casa não se muda para o escritório.
Thomas: Óbvio. Vou buscar minhas coisas assim que tiver um apartamento.
Katrin:
Thomas:

33. A coisa viaja.

A coisa já fez algumas viagens. Ela sabe como é. Mas desta vez são realmente muitas etapas. Em cada uma, acontece um novo processo de triagem. A primeira triagem é na Mange & Kamff. Depois de umas três horas de viagem num caminhão, passa pela segunda triagem. Mais umas horas rumo ao sul e a próxima triagem. Então, permanece por um tempo em uma enorme pilha e se sente como se estivesse em férias; depois, porém, vem outro caminhão e este a leva até um navio e a viagem prossegue de navio. E a coisa está surpresa, porque havia pensado que era o seu fim, mas, se entendeu tudo corretamente, ela foi revendida a cada triagem. E isso quer dizer que ainda tem valor. A coisa. A metade. E uma coisa que continua tendo valor ainda não chegou ao seu fim. Jamais. A coisa sabe.

34. Eternal Love

(Katrin e Thomas.)

Katrin: Os médicos disseram que a bala deve ter sido amortecida ao entrar no corpo. Pelo tecido adiposo do peito ou simplesmente pela

roupa, se o material for de boa qualidade. E assim a bala perdeu tanta velocidade que não perfurou um vaso sanguíneo, mas ficou alojada ali. E o vaso sanguíneo, em sete semanas, transportou a bala uma vez através do meu corpo até o coração e para dentro do ventrículo. E aí parou. E por isso começou o ruído.

Thomas: Por isso também os médicos não encontraram a bala.

Katrin: O problema é que nós estávamos naquele momento no Caribe.

Thomas: Quê?

Katrin: Numa ilha deserta. Só nós dois.

Thomas: Nós nunca fomos ao Caribe.

Katrin: Nós queríamos, depois de toda a turbulência, primeiro descansar e focar na nossa relação.

Thomas: Nós nos separamos. Eu saí de casa!

Katrin: E daí o meu coração começou, de repente, a fazer ruído. A estalar. E nenhum médico à vista. Mas o meu marido/

Thomas: ?

Katrin: põe o ouvido no meu peito e escuta,/

Thomas: /Katrin/

Katrin: diz, então, para eu me acalmar, que juntos nós vamos dar um jeito,

Thomas: /? /

Katrin: e me carrega em seus braços musculosos pela praia deserta até a sombra debaixo de um coqueiro.

Thomas: Katrin, pare com isso.

Katrin: E depois ele pega o canivete, uma caneta velha e uma garrafa de gim e me opera. O coração aberto.

Thomas: Que você está falando?

Katrin: Este é o meu marido. Ele salvou a minha vida.

Thomas: Eu o quê?

Katrin: Meu herói.

Thomas: Katrin...

Katrin: Thomas, eu amo você.

Thomas:

35. A coisa volta para casa.

A coisa segue num caminhão dentro de um navio e, depois, outra vez só de caminhão. E aí há uma cidade onde todos têm a pele muito escura e os dedos longos, como a coisa já viu uma vez há muito tempo. Tudo parece sempre se repetir, pensa a coisa, sentindo-se velha e sábia.

Ela passa por cada vez mais triagens, sendo que os sacos são cada vez menores e cada vez menores também os povoados, até chegar de bicicleta em uma região que, de algum modo, já conhece e onde é analisada minuciosamente.

Fela: Que é isso, pai? Dead Men's Clothes?

Siwa: Dead Men's Clothes. São roupas de pessoas mortas, Fela.

Fela: Roupas de pessoas mortas, pai?

Siwa: Sim, Fela.

Fela: Pai, quer dizer que todas as pessoas que vestiam essas roupas estão mortas?

Siwa: Sim, Fela. Na Europa morrem constantemente muitas pessoas.

Fela: Como o Beat, pai?

Siwa: Como o Beat, Fela.

Fela: Mas o Beat não estava vestindo nada quando morreu, pai.

Siwa: Não, Fela, mas é que o Beat morreu aqui.

Fela: E na Europa eles estão sempre vestidos ao morrerem, pai?

Siwa: Olhe, Fela.

(Siwa segura a camiseta e mostra o furo.)

Fela: Puxa. Pai. Uma camiseta de futebol.

A coisa é examinada minuciosamente pela menina. E é admirada. Admirada como ela já fora uma vez.

Fela: Posso ficar com ela, pai?

Siwa: Ora, Fela.

Fela: Por favor, pai.

Siwa: É que eu posso conseguir ainda um bom preço por ela, Fela.

Fela: Por favor, pai. Eu sempre quis uma camiseta de futebol. Todo mundo tem uma, só eu não. Por favor.

E a menina veste a coisa por cima da roupa e depois sai correndo. Corre como o vento. E a coisa pensa que se for realmente assim que tudo sempre volta a recomeçar do início, então isso não é nem de longe o fim. Isso tudo aqui.

-fim-